

SER HUMANO, MÚSICA E O INVISÍVEL

Todas as civilizações de que se tem registro desenvolveram uma tradição musical. Já que o homem consegue sobreviver fisicamente sem música, tal fato aponta que a presença da música deve satisfazer alguma outra necessidade humana que não é física. Que desejo é esse que nos leva à música?

Quando olhamos algo, sempre temos a opção de fechar nossos olhos e ignorar o objeto. Podemos escolher não saborear ou encostar em algo. Mas quando o assunto é som, é muito mais difícil evitá-lo. Basta lembrar dos seus vizinhos barulhentos que te deixaram acordado algumas noites atrás.

Som, comparável apenas ao cheiro, é invasivo. Essa capacidade invasiva é uma das mais profundas características da música, um de seus poderes. Uma vez dentro de nós, ela gruda.

Em aparente contradição à essa dificuldade de evitar o som, consideramos o fato de que ele é invisível. No entanto, não há dúvida que ele é real. Tão real que pode nos machucar, se ouvirmos música alta demais. Tão real que sentimos as frequências graves pulsando em nossos peitos. Tão real que podemos criá-lo com nossas cordas vocais, nossos corpos e nossos instrumentos.

A música permite o primeiro reconhecimento de que o invisível existe, nos toca. O invisível é uma capacidade humana. O invisível pertence à nós.

Perguntas também perambulam pelo campo do invisível. Elas ainda não são conhecimento, mas também não são completa cegueira, na forma de ignorância. Perguntas nos colocam em contato com o meio-termo que é tão familiar para o ser humano. Se todo perguntar é um buscar, o que busca a pergunta invisível da música?

A música é como uma pergunta que a forma faz para a essência. Entre forma e essência, a música se coloca como um invisível vibratório. Um passo adiante na experiência de metaxis, entre o tátil e o intangível, o material e o imaterial, ela faz os dois polos inteligíveis e comunicáveis.

A música tem como atividade central o **tocar**. Aristóteles diz em sua *De Anima* que um som só pode existir a partir do contato entre duas coisas. Logo, é impossível existir som quando só há uma coisa. O som sempre parte do entre dois e por essência surge da relação.

Sempre que há música, busca-se tocar. O músico toca as cordas de seu instrumento. O ouvinte almeja que seus sentimentos sejam tocados, estimulados. O compositor aspira que a peça que tanto o move faça o mesmo com seu público.

A música existe e sempre existirá, pois, o intangível é uma demanda da humanidade. Pela natureza de seu ser, a música toca todas as realidades do homem.

A tromba do elefante cata pistaches:

Não é necessário se curvar

O pescoço da girafa pasta nas estrelas:

Não é necessário voar

A pele do camaleão,

verde, azul, lavanda, branca, como ela deseja,

oculta-se dos animais de rapina:

Não é necessário fugir

O casco da tartaruga abriga adentro,

mesmo no inverno:

Não é necessária uma casa

O poema do poeta diz tudo isso,

e milhares e milhares e milhares de outras coisas:

Não é necessário entender.

(poema original, traduzido por Felipe Feffer)

The elephant's trunk

is for picking up pistachios:

no need to bend over.

The giraffe's neck

is for grazing on stars:

no need to fly.

The chameleon's skin,

green, blue, lavender, white,

as it wishes,

is for hiding from ravenous animals:

no need to flee.

The turtle's shell,

is for sleeping inside,

even in winter:

no need for a house.

The poet's poem,

is for saying all of that

and a thousand thousand thousand other things:

no need to understand.